



DJAMILA RIBEIRO, LUGARES DE FALA EM TRADUÇÃO ITALIANA

DJAMILA RIBEIRO: LUGARES DE FALA IN ITALIAN TRANSLATION

Andréia Guerini*, Giorgio Buonsante**

RESUMO

O presente artigo analisa a tradução italiana de **O que é lugar de fala** (2017), de Djamila Ribeiro, realizada pela brasileira Monica Pães em 2020 e publicada pela editora Capovolte de Alessandria (Turim). Em um primeiro momento, apresentamos a autora e a obra, destacando aspectos bibliográficos e conceitos-chave para, na sequência, analisar aspectos da tradução italiana, em especial modo, algumas escolhas lexicais relacionadas ao conceito de “lugar de fala”. Ademais, discutiremos elementos e escolhas de aspectos relacionados ao conceito de eufonia. Cabe destacar que a tradução é necessária e importante para fazer circular em outros contextos culturais obras que discutem questões de gênero, de raça, ou simplesmente dxs oprimidxs, provenientes de países ditos “periféricos”, intermediando e quebrando o silêncio, pois a tradução serve como mecanismo para divulgar as vozes de autorxs e obras publicadas fora do eixo dominante, ampliando o público leitor e, possivelmente, sensibilizando-o em relação a tais assuntos.

Palavras-chave: Djamila Ribeiro; o que é lugar de fala; crítica da tradução.

ABSTRACT

*This article aims to analyse the translation of Djamila Ribeiro's **O que é lugar de fala** (2017) by Monica Paes. First of all, we presented the author and her work underlining key concepts; then we reviewed some aspects of the Italian translation and, especially, certain lexical choices related to the idea of “lugar de fala” that seemingly force their way out of the metatext. Furthermore, we also highlighted specific elements and aspects related to possible more euphonic results. Besides, we affirm the role of translation as essential and fundamental to ease the circulation of these works*

* Andréia Guerini é Doutora em Literatura pela UFSC. Professora Titular de Estudos Literários e Estudos da Tradução. Pesquisadora PQ/CNPq, ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-3187-6246>

** Giorgio Buonsante é doutorando em Estudos da Tradução/UFSC, bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8433-9006>

about gender, race and sexual orientation, which come from “peripheral” countries. By doing so, we can intermediate and break the silence thanks to the translation of authors and works which not belong to the hegemonic axis; furthermore, by doing so, these works can reach a wider target which can be, by result, more aware of those topics.

Keywords: Djamila Ribeiro; o que é lugar de fala; translation criticism.

1 DJAMILA RIBEIRO E O LUGAR DE FALA

Nascida em Santos (SP) em 1980, Djamila Ribeiro, filósofa, feminista e intelectual negra, é hoje uma das vozes mais notórias e influentes da luta contra o racismo patriarcal heteronormativo no Brasil, chegando a ser finalista do cobiçado prêmio Jabuti em 2018.¹ Ativista desde a infância, o pai teve grande influência na vida dela, o qual era militante comunista e que, mesmo não tendo alcançado um alto grau de estudo formal, se formou intelectualmente na biblioteca de mais de 300 livros.²

O movimento feminista entrou na vida da pensadora quando, com dezenove anos, conheceu e começou a trabalhar para a ONG Casa de Cultura da Mulher Negra, sediada em Santos, onde, tendo contato com a produção intelectual de muitas feministas e mulheres negras, decidiu dedicar-se ao estudo dos temas relativos à raça e gênero. Depois de ter interrompido uma graduação em Jornalismo em 2005 e ter se graduado em Filosofia pela UNIFESP em 2012, concluiu o mestrado em Filosofia Política na mesma universidade três anos depois, com a dissertação “Simone de Beauvoir e Judith Butler: aproximações e distanciamentos e os critérios da ação política”, tendo forte enfoque nas teorias feministas; desde então, atua principalmente no âmbito das relações raciais, gênero, feminismos.

Djamila Ribeiro marca presença no debate virtual, pois considera fundamental se apropriar da internet para usá-la como ferramenta das militâncias, e especialmente do movimento feminista negro, visto que, conforme o pensamento da autora, a mídia hegemônica continua invisibilizando-o.

A sua trajetória mais recente compreende, entre as múltiplas atividades, a docência de filosofia política na UNIFESP, mandato de secretária adjunto de direitos humanos em São Paulo na gestão de Fernando Haddad e palestras na sede da ONU em Nova Iorque. Ativista, “vem fazendo o debate público sobre feminismo negro com forte atuação nas redes sociais” – como também nas colunas que assina nas revistas *Carta Capital* e *Elle*, e nos sites Blogueiras Negras e Azmina – como indicado na contracapa do livro *O que é lugar de fala* (2017), pela editora Letramento na coleção *Feminismos Plurais*, coleção que ela mesma coordena junto com Sueli Carneiro, Joice Berth e Juliana Borges.

Em 2018, publicou pela Companhia das Letras *Quem tem medo do feminismo negro?*, coletânea de crônicas que relatam episódios pessoais da autora relativos às opressões machista e racista. Em 2019, publicou *Pequeno manual antirracista*, livro inspirado nos manuais de introdução à militância infantil da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, autora de *Para Educar Crianças Feministas* (2017). Nesse último livro, a autora transformou todo o aprendizado acumulado graças

¹ “Prêmio Jabuti 2018 anuncia os ganhadores; veja a lista”, in globo.com: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2018/11/08/premio-jabuti-2018-anuncia-os-ganhadores-veja-a-lista.ghtml> Acesso em: 10 jul. 2020.

² Djamila Ribeiro, a voz da consciência negra feminina no Brasil, Ana Flávia Oliveira. URL: https://www.vice.com/pt_br/article/bmgkvd/entrevista-djamila-ribeiro-2016. Acesso em: 3 dez. 2020.

aos conhecimentos de filosofia política e às experiências no ativismo do movimento das mulheres negras em pequenas aulas que nos ensinam a imprescindibilidade de se importar com as horríveis consequências do racismo estrutural, nos orientam a não agir de forma racista e nos acordam para tomarmos parte na luta às opressões. Na busca por combater um determinado sistema de opressão, Djamilia Ribeiro torna-se referência na luta pelos direitos das minorias brasileiras, sobretudo das mulheres negras.

O impacto de *O que é lugar de fala* no Brasil pode ser medido pelo fato de ter vendido mais de cinquenta mil exemplares no país, mas a autora também é conhecida além-fronteiras, tendo sido convidada, nos últimos anos, a participar de diferentes atividades em diversos países, como na Noruega, para avaliar as políticas de equidade de gênero e raça em atuação no país, e ainda na França e na Bélgica para lançar livros recém-traduzidos: *La place de la parole noire* (2019) e *Chroniques sur le féminisme noir* (2019), ambos pela editora Anacaona.

Djamila Ribeiro recebeu vários prêmios e incontáveis reconhecimentos nesses anos de intenso ativismo: em 2018, foi uma das personalidades convidadas para contribuir na redação de *The Freedom Papers*; em 2017, recebeu o Prêmio Cidadão São Paulo em Direitos Humanos e, em 2016, o prêmio Trip Transformadores. Considerada a melhor colunista brasileira, recebeu o Troféu Mulher Imprensa em 2018 e também, segundo a ONU, é uma das pessoas mais influentes do globo tendo menos de 40 anos.³ Recentemente, foi escolhida pelo governo da França como “Personalidade do Amanhã”.⁴

2 O QUE É LUGAR DE FALA?

Djamila Ribeiro começa a breve, mas densa obra *O que é lugar de fala* (2017) informando quais são as suas referências intelectuais (Grada Kilomba, bell hooks, Angela Davis, entre outras), os objetivos (desmistificar mitos universalizantes e proporcionar maior visibilidade a certos temas e categorias sociais) e a metodologia utilizada (estilo didático, linguagem cristalina, preço acessível).

As personalidades intelectuais citadas por Djamilia Ribeiro constituem o referencial teórico e humano da autora porque, cada uma em contextos diferentes, participaram da militância feminista negra quer no espaço acadêmico quer no espaço extra-acadêmico. Sem dúvida alguma – como é possível constatar nas várias entrevistas que a autora concedeu⁵ – Angela Davis representa o grande padrão humano e acadêmico de referência de Ribeiro. Angela Davis, além das inúmeras publicações relativas às opressões de raça, classe e gênero,⁶ participa de inúmeras lutas antirracistas nos Estados Unidos. Em relação à bell hooks (1995), Ribeiro (2017) faz uso da sua obra para enquadrar o lugar das mulheres negras acadêmicas, lugar no qual ela se encontra e que problematiza em seus trabalhos em sinergia com os escritos de Kilomba (2010), intelectual negra portuguesa contemporânea de identidade fortemente pós-colonial que, inclusive, já teve a oportunidade de ministrar palestras e seminário com a própria Djamilia Ribeiro.

³ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50050302>. Acesso em: 4 maio 2021.

⁴ Djamilia Ribeiro será homenageada como “personalidade do amanhã” pelo governo da França, Felipe Larozza, VICE. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/djamila-ribeiro-sera-homenageada-como-personalidade-do-amanha-pelo-governo-da-franca/>. Acesso em: 11 dez. 2020.

⁵ Djamilia Ribeiro e Lília Schwarcz: a potência do encontro entre ativismo e academia, Mariana Gomes: <https://www.agendartecultura.com.br/cultura/djamila-ribeiro-lilia-schwarcz-potencia-encontro-ativismo-academia>. Acesso em: 23 dez. 2020.

⁶ A mais conhecida talvez seja *Mulheres, raça e classe* (Tradução de Heci Regina Candiani).

À introdução da obra, segue um capítulo no qual a autora usa uma abordagem histórica para construir uma crítica sobre a competição entre opressões e os feminismos hegemônicos, ou seja, todos aqueles feminismos fortemente ligados à reprodução de um feminismo eurobranco que exclui inúmeras mulheres, especialmente as mulheres negras as quais, conforme a autora, por meio de autodefinição e ressignificação, podem romper com a visão colonial que as produziu e desumanizou (p. 89).

Para entender o conceito de lugar de fala, Djamilia Ribeiro diz ser fundamental compreender a categoria mulher negra, por isso, ela vai atrás das origens da categoria mulher usando Simone De Beauvoir (2009) para defini-la como ser em função do homem, que é outro do homem, o qual, pelo contrário, é visto como ser em si. Partindo disso, as culturas opressoras viram na mulher negra uma perfeita antítese da imagem positiva do homem branco, até que podemos considerar a mulher negra – usando a definição de Grada Kilomba – o outro do outro (RIBEIRO, 2017, p. 37), já que é o outro do homem bem como da mulher branca.

Portanto, a partir da categoria pseudo universalizante de mulher por si só apaga a existência das mulheres negras, como afirmado por Carneiro (2003) em *Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*, podemos enxergar os mitos do feminino – onde a mulher (branca) é vista como rainha do lar necessitada de proteção – como outro elemento de opressão que se soma ao racismo estrutural.

Fica evidente que – como desenvolvido por Carneiro – o racismo, fonte de hierarquias, ajuda na manutenção de privilégios que vão além dos aspectos raciais, alimentando todas as outras opressões. Aliás, dado um sistema Brasil estruturalmente racista, os atores hegemônicos (ou seja, os homens cis brancos heterossexuais de classe média) farão com que o *status quo* deles não seja alterado, desencadeando o genocídio do povo negro, física e virtualmente. Assim, a opressão racial pode se concretizar de duas formas: diluindo e apagando o sujeito negro no universal (branco) ou segregando-o.

Ao ter descrito a categoria da mulher negra, a filósofa entra a fundo no núcleo temático da obra, *o lugar de fala*, traçando as suas possíveis etimologias relativas ao meio da comunicação. Relata que as origens desse conceito, ainda que imprecisas, podem ser encontradas na gênese do *feminist standpoint*, que é marcadamente moldado no debate virtual. Ribeiro faz questão de descrever o lugar de fala como um conjunto de experiências individuais e coletivas, vivências que remetem a condições sociais que podem facilitar ou não o acesso em determinados lugares de poder. Esse *locus* social restringe oportunidades, no caso do povo negro, e não confere qualquer tipo de consciência discursiva inata sobre esse mesmo lugar, gerando uma reprodução de opressão que coadjuva a manutenção dos privilégios do hegemônico.

Além disso, é fundamental pensarmos o lugar de fala como lugar onde “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de existir, [de ter reconhecida a própria humanidade]”; então, através da ferramenta do lugar de fala, “se quer questionar a legitimidade conferida a quem pertence ao grupo localizado no poder”, se quer quebrar com o silêncio simbolizado pelas máscaras daquelas que não podem falar porque, acrescenta Djamilia citando Conceição Evaristo, “só nossa fala força a máscara” (p. 76).

Infelizmente, forçar a máscara pode não ser suficiente; pensem nisso: qual o sentido de um lugar de fala sem alguém que escute, um interlocutor que deseje ouvir? É preciso que quem sempre foi autorizado a falar, ou seja, o branco, agora escute; usando Grada Kilomba, Ribeiro (2017, p. 78) problematiza essa *conditio sine qua non* do lugar de fala colocando a “dificuldade da pessoa branca em ouvir, por conta do incômodo que as vozes silenciadas trazem, do confronto que é gerado quando se rompe com a voz única” trazendo à tona ideias e verdades desagradáveis que causam extrema culpa e vergonha na consciência branca.

Essa mesma consciência branca que, uma vez acordada, quer voltar a dormir para não ter que lidar com as realidades abomináveis de uma história muito suja, obstaculizando assim a escuta a fim de manter intacta a ingenuidade do próprio eu. Consequentemente, abrangendo e definindo lugar de fala como lugar social ocupado por sujeitos em uma matriz de dominação e opressão inserida dentro de relações de poder e condições que autorizam ou negam o acesso de determinados grupos a lugares de cidadania, Djamilia Ribeiro conclui que não tem identidade entre lugar de fala e representatividade já que cada indivíduo possui um lugar social. Obviamente,

numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experienciar racismo do lugar de quem é objeto de opressão, [enquanto] pessoas brancas vão [experienciá-lo] do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão [mesmo participando da luta contra ela] (RIBEIRO, 2017, p. 85).

Resumindo, lugar de fala não é uma autorização discursiva relacionada ao conceito de representatividade (só um sujeito x pode falar da comunidade à qual pertence). Afirmar isso possibilita falas e diálogos sobre opressões por parte dos mesmos opressores, ou seja, não só xs oprimidxs podem falar das opressões que sofrem, mas xs mesmxxs opressorxs deveriam falar cada vez mais das opressões que veiculam, consciente ou inconscientemente.

Para concluir essa breve síntese do livro de Djamilia Ribeiro, podemos dizer que a questão do lugar de fala se traduz na quebra do silêncio instituído a quem foi subalternizado, uma quebra dinâmica que pode romper com a hierarquia da manutenção das violências.

Ademais, podemos dizer que o pensamento de Djamilia Ribeiro não é expressão apenas de uma realidade local, ele é universal, por isso é fundamental que essa obra circule em diferentes culturas por meio da tradução, único caminho para a divulgação das ideias da autora em outros sistemas culturais, como o italiano.

3 A TRADUÇÃO ITALIANA DE O QUE É LUGAR DE FALA

Monica Pães⁷ foi a responsável por traduzir o livro de Djamilia Ribeiro para o italiano. Como já era de se esperar, o primeiro desafio da tradução é o título da obra, que se assume como um conceito. A opção de Monica Pães foi traduzir o título de maneira literal (Il luogo della parola). A nosso ver, essa escolha se afasta do significado mais profundo do conceito expresso por Djamilia Ribeiro. Em um primeiro momento, parece que a tradução do título assume uma áurea sacral e vagamente eclesial. De fato, nesse *chunk* lexical, seria só preciso adicionar o adjetivo sacra ou a locução di Dio – que parecem ficar suspensos num subentendimento – para perder a direção do conceito. Essa questão, aparentemente, não existe na tradução francesa, cujo título usado é *La place de la parole noire* (2019).

De fato, a definição mais comum de igreja seria *luogo della parola di Dio*. No caso do francês, a tradutora optou pelo acréscimo do adjetivo negro para fechar semanticamente o lugar de referência, o que também pode ser questionado pois o conceito de “lugar de fala” operado por Djamilia Ribeiro não se restringe apenas à categoria racial. Sucessivamente, para evitar a possível sacralidade sugerida pela palavra lugar em italiano, uma alternativa sinônima do substantivo poderia ser a palavra *spazio* (espaço); mais uma vez, o referente semântico espaço em italiano tornaria o conjunto do enunciado em algo que poderia apontar para uma dimensão mais poética do que social. Eliminada

⁷ Para mais informações sobre a tradutora ver: <https://capovolte.it/monica-paes/>. Acesso em: 4 maio 2021.

essa hipótese, há a opção da estrangeirização, traduzível aqui em um empréstimo linguístico não adaptado que comportaria o emprego de lugar de fala em italiano, contudo essa possibilidade parece pouco eficaz já que os objetivos da tradução seriam sensibilizar o público alvo em relação ao tema, desconstruindo as imagens coloniais do Brasil, e exportar o debate para a Itália, país no qual – mesmo no meio acadêmico – a atenção para certos assuntos é ainda carente, conforme atestam Benvenuti (2009) e Manconi e Resta (2017).

Seria mais condizente considerar um equivalente que tivesse eco social, uma névoa de memória individual e coletiva, e que fosse flexível nas várias possibilidades expressivas, até as mais coloquiais. A solução que indicariamos para *luogo della parola* provém desse raciocínio: visto que não se pode conseguir empregar um único equivalente ao longo do metatexto, simplesmente devemos aceitar a ideia de múltiplas soluções que compartilhem a mesma fonte, ou raiz.

A sugestão inicial poderia ser *il luogo da cui si parla* (literalmente, o lugar do qual se fala), opção que, regendo a tradução e oferecendo formas plásticas de adaptabilidade, é obtida por meio da transposição, e, no caso, duma verbalização adnominal do substantivo *fala* acompanhada por uma partícula *si* impessoal. Segundo o emprego, se daria a possibilidade de traduzir o meu/teu lugar de fala, enunciado que aparece com uma certa frequência ao longo da obra, através da explicitação verbal do sujeito de referência como nos casos *il luogo da cui parlo* (*parlare*, verbo falar conjugado na primeira pessoa do modo indicativo tempo presente), *da cui parli* etc; ademais, o acréscimo do pronome pessoal explícito pode oferecer matizes de ênfase expressiva (*il luogo da cui parli tu*).

Contudo, no metatexto proposto preferimos levar em conta as expectativas de um possível público-alvo italiano em relação à tipologia textual, o ensaio contemporâneo, que é um gênero que pode apresentar uma linguagem técnica-especializada e esteticamente estruturada.

Portanto, mesmo arriscando operar uma possível elevação diafásica em tradução, podemos também levar em consideração opções mais academicistas e assim podemos voltar à teoria da linguagem e à semiótica da tradução, nas quais nos deparamos com duas fontes que podem nos ajudar: a tese de doutorado de Sozzi (2017) sobre a teoria da enunciação – útil para estabelecermos uma base de referência em relação a tais conceitos, desenvolvendo as competências documentais pedidas – e escritos de Todorov sobre a categoria conceitual de discurso. Todorov (1981, p. 49), em particular, declara que

Um discurso não é feito de frases, mas de frases enunciadas, ou de forma ainda mais breve, de enunciados. Ora a interpretação do enunciado é por um lado determinada pela frase que se enuncia e por outro pela sua própria enunciação. Esta enunciação inclui um locutor que enuncia, um alocutário a que nos dirigimos, um tempo e um lugar, um discurso que precede outro que segue; numa palavra, um contexto de enunciação. Noutros termos ainda, um discurso é sempre e necessariamente um acto de fala.

Graças a Todorov, podemos entender que o conceito de enunciação – palavra que mais se aproxima a uma abordagem linguística para como o termo *fala* – apresenta uma forte interdependência entre os conceitos de discurso, locução e lugar; de fato, depois de distinguir as várias manifestações e dimensões do discurso, Todorov resume “numa palavra” sua crítica definindo-o como contexto de enunciação. Estamos nos aproximando do raciocínio final que proporíamos: o que nos interessa agora é que o termo contexto na abordagem do autor tem muito a ver com sua dimensão etimologicamente contextual (ou seja, conjunto de elementos que são precisos para constituir, tecer e entrelaçar um texto) e profundamente linguístico-literária, dimensão que não nos ajudaria na

operação tradutória por ficar muito longe das necessidades de crítica social de Djamila Ribeiro. Como aproximar esse conceito à autora e a sua ideia de *locus* social? Contexto é também lugar e o que precisamos para qualificar um contexto de enunciação socialmente constituído e politologicamente examinado é o próprio lugar, um lugar de enunciação, *un luogo di enunciazione*. Essa opção resulta ser, na nossa opinião, a mais “adequada”, por melhor lidar com as limitações e imposições que o gênero requer em um contexto editorial italiano, além de proporcionar – ainda que, como já deixado a entender, adotando uma mudança diafásica do texto em tradução – possibilidades de adaptabilidade ao longo do processo tradutório comparáveis as do *luogo da cui si parla*. Além disso, fazendo uma rápida pesquisa na internet, podemos encontrar dois pequenos⁸ resultados relativos à introdução de [luogo di enunciazione] no *corpus* do Google que fazem referência pontual ao emprego do termo ao descrever os avanços do feminismo negro brasileiro, e – especificadamente – à figura de Marielle Franco, feminista interseccional lésbica e negra brutalmente assassinada em 2018 por causa de seu ativismo.

No entanto, há momentos que a escolha de *luogo di enunciazione* não pode ser aplicada. O primeiro é o relacionado ao trecho presente à página 55 do prototexto, no qual lemos: “fique quieto, esse não é seu lugar de fala”. Aqui se considera mais indicado utilizar uma expressão idiomática informal italiana (“*sta’ zitto/a, sta’ al posto tuo*”; literalmente, fica no teu lugar) que veicule melhor a mensagem de uma forma mais direta e cristalina, como também no caso brasileiro essa expressão se tornou cristalizada no uso coloquial (a escolha da tradutora remete a “*non è il tuo luogo di parola*”, distante da pragmática da língua italiana). O segundo concerne à tradução do título do capítulo *Todo mundo tem lugar de fala* (traduzido em italiano como “*tutti hanno un luogo della parola*”), último capítulo da obra da Djamila, no qual parece mais acertado não respeitar o raciocínio acima explicado. Nesse caso – Como sugerido por Gessner (2016) –, teríamos que enxergar a frase de uma maneira mais interpretativa, subjetiva e criativa; aqui não se trata de uma ideia de posse de um dado lugar de fala (*Tutti quanti hanno un luogo di enunciazione*), o verbo “*ter*” – a nosso ver – indicaria mais a condição de *locus* social a ser descrito e não um empossamento. Além disso, provavelmente o emprego do enunciado não quer simplesmente reforçar a relação entre a proveniência da voz e seu *locus* social, o que – se fosse a interpretação a ser seguida – faria surgir a opção “*Tutti quanti parlano a partire da un determinato luogo*”. Temos que ressaltar, de novo, que esse capítulo é conclusivo e fecha harmonicamente a análise conceitual proposta por Djamila Ribeiro, invocando lutas conscientes e grandes reflexões.

Como a autora explicita na obra, dentro da militância no Brasil, existe a tendência em ligar os conceitos de lugar de fala e representatividade gerando problemas teóricos e práticos que podem ser resumidos nas seguintes perguntas: Pode um homem cis lutar pela causa feminista? E um sujeito heterossexual pode militar contra a opressão que as minorias de orientação sexual e identidade de gênero sofrem? Uma pessoa branca pode falar da luta antirracista? Se considerarmos a presença de uma identidade entre lugar de fala e representatividade, a resposta a essas perguntas seria negativa. Porém, o que a filósofa deseja é exatamente o contrário, ela quer que o debate seja abordado pluralmente por indivíduos que não necessariamente sofrem uma dada opressão.

Sintetizando, se o debate tem que ser levantado e enfrentado unicamente por pessoas que pertencem àquele dado *locus* social oprimido, as relações de poder mudarão com maior dificuldade porque a pressão das minorias enfrentará mais barreiras e obstáculos por causa da impossibilidade de os sujeitos alheios àquela discriminação, mesmo se posicionando contra ela, participarem ati-

⁸ Últimos resultados atualizados relativos ao *corpus* são referentes ao dia 11 de jun. 2021: <https://ilmanifesto.it/brasil-il-quadro-e-meno-cupo-anche-grazie-a-marielle-franco/>; https://www.rivistailmulino.it/news/newsitem/index/Item/News:NEWS_ITEM:4664

vamente na luta, quer na ação quer no discurso. A participação delxs não será estimulada, os privilégios mantidos e o *status quo* permanecerá intacto por mais tempo ainda.

Dito isso, a nossa proposta de tradução para o título “Todo mundo tem lugar de fala” seria “Tutti quanti possono parlare” uma vez que esse capítulo quer ser um convite a se falar também como uma autorização discursiva por parte de quem possui lugar de fala e representatividade. A pensadora quer despertar a consciência branca para também afastá-la da ideia falaciosa de que falar de racismo é inevitavelmente um ato racista.

Um outro elemento do texto de chegada que gostaríamos de comentar é o da eufonia. Um aspecto geralmente desagradável na língua italiana é o que se manifesta no texto de partida nos seguintes fragmentos:

Audre Lorde, feminista negra caribenha e lésbica, também nos traz uma visão importante sobre a importância de lidarmos com as diferenças que nos circundam. Em muitos dos seus escritos, Lorde ressaltou a importância [...] (p. 49).

Lorde enfatiza a importância de se ampliar o olhar [...] (RIBEIRO, 2017, p. 50).

Nesses dois parágrafos, Djamila Ribeiro faz um uso superabundante das possibilidades adjetivais e nominais derivadas do verbo “importar”: descreve a importância dos efeitos trazidos por uma visão importante sobre a importância de lidar com um dado fato. Estilisticamente, em italiano essa repetição de variedades morfológicas relativas à palavra “importante” resultaria muito dissonante, desagradável e cacofônica; de fato, geralmente, em italiano se prefere evitar esse tipo de repetição desnecessária que, através de uma tradução sinonímica, Pães não quis manter no texto de chegada, propondo o emprego do item lexical *necessità*.

Um tipo de raciocínio parecido foi aplicado a outro caso de repetição desnecessária do mesmo lema que a tradutora preferiu evitar em tradução: “Interessante notar que a escritora negra brasileira, Conceição Evaristo, ganhadora do prêmio Jabuti com sua obra *Olhos d’água*, faz um diálogo interessante [...]” (RIBEIRO, 2017, p. 76).

A repetição do adjetivo interessante no interior do mesmo período resulta muito desagradável e cacofônica em italiano, língua que – como já afirmado – tende a evitar essas possibilidades. A solução empregada pela tradutora consistiu na omissão do adjetivo referente ao substantivo *diálogo*, o qual – no metatexto – fica sem qualificação adjetival.

Diferentemente desse caso, o que estamos prestes a levantar se apresenta um pouco mais complicado por harmonia e sintaxe: “Kilomba toca num tema essencial quando discutimos lugares de fala: é necessário escutar por parte de quem sempre foi autorizado a falar” (RIBEIRO, 2017, p. 79). No que concerne a esse caso de interesse tradutológico, quer pela sintaxe usada – a qual, através de uma tradução literal, tornaria o metatexto vagamente cacofônico – quer pelos referentes da fala, o processo tradutório resulta ser árduo; tentando entender e justificar mais eficazmente a escolha de Pães, desejamos ressaltar que o sujeito indicado pelo pronome indefinido presente no trecho é implicitamente o branco.

Assim, para tornar mais leve a sintaxe em italiano e, mais uma vez, veicular a mensagem da pensadora brasileira, a tradutora resolveu inserir tal sujeito branco – referido pela autora no período sucessivo – em tradução (com marcas do masculino para abranger todas as opressões que imaginamos) seguido por uma oração relativa apositiva que contém as informações sobre sua autorização discursiva. O resultado proposto pela tradutora foi: “Kilomba tocca un tema essenziale alla discussione sui luoghi di enunciazione: c’è bisogno che il bianco, colui che è sempre stato autorizzato a parlare, ascolti.”.

Isso, como já declarado, além de reforçar os significados atingidos pela autora, faz com que a leitura e a interpretação fluam não sendo obstaculizadas por uma sintaxe possivelmente hostil, produzindo um ótimo resultado que a tradutora alcançou recusando uma tradução mais literal.

4 CONCLUSÃO

Apesar das questões aqui discutidas e problematizadas, vale a pena frisar que esta tradução dá voz à obra de Djamila Ribeiro em um contexto cultural ainda pouco aberto às temáticas discutidas pela autora brasileira. A contribuição de Djamila Ribeiro no sistema cultural do *Bel Paese* na tradução de Monica Pães pode ser enorme, porque estimula aquele processo de refinamento e mudança que as militâncias esperam há muito tempo, e que são essenciais nos dias de hoje, dias nos quais a resposta às imigrações, especialmente a dos refugiados, parece ser cada vez mais a do ódio em relação ao outro, o racismo, a intolerância. Tradutorxs e autorxs, obras e vozes como essa podem desencadear grandes transformações, e se elas ainda não atingiram a estrutura da sociedade, pelo menos podem despertar algum tipo de conscientização.

REFERÊNCIAS

- BAKER, M. Translation as an alternative space for political action. *Social Movement Studies*, v. 12, n. 1, p. 23-47, 2013. DOI: 10.1080/14742837.2012.685624.
- BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo*. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENVENUTI, G. Politiche della traduzione «Translation studies» e studi postcoloniali. *Studi Culturali*, Anno VI, n. 2, ago. 2009.
- BUONSANTE, G. *Da che luogo parli?* Djamila Ribeiro, lugares de fala em tradução. 2020. Dissertação (Mestrado em Línguas e Literaturas Europeias, Americanas e Pós-coloniais) – Università Ca' Foscari di Venezia, Venezia, 2020.
- CASTRO, O. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda? *TradTerm*, São Paulo, v. 29, p. 216-250, jul. 2017. <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/134563>. Acesso em: 19 nov. 2019.
- DIADORI, P. *Teoria e tecnica della traduzione: strategie, testi e contesti*. Firenze: Le Monnier, 2012.
- DELCASTAGNÈ, R. Um mapa de ausências. In: DELCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte; Rio de Janeiro: UERJ, 2012. p. 147-196.
- GESSNER, R. Transcrição, transconceituação e poesia. *Cadernos de Tradução*, v. 36, n. 2, p. 142-162, 2016.
- HOOKS, b. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464, jan. 1995.
- ILOMBA, G. *Plantation memories: episodes of everyday racism*. Münster: Unrast Verlag. 2. Auflage, 2010.

MANCONI, L.; RESTA, F. *Non sono razzista, ma: la xenofobia degli italiani e gli imprenditori politici della paura*. Roma: La Feltrinelli, 2017.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, D. *Il luogo della parola*. Tradução de Monica Pães. Torino: Capovolte, 2020.

SENSINI, M. *La grammatica della lingua italiana*. Milano: Mondadori, 1999.

SOZZI, P. *Per una teoria dell'enunciazione nella semaiotica degli spazi: teorie e analisi a confronto*. 2017. Tese (Doutorado em Semiótica) – LILEC, Università degli Studi di Bologna, Bologna, 2017.

TODOROV, T. *Os géneros do discurso*. Lisboa: Edições 70, 1981.